

## 1992

# PATRICK E O METRÔ

(UMA OPORTUNIDADE PARA FAZER AMIGOS)

LÚCIO FLÁVIO

A rotina é dura. Todos os dias, às 5h30, Patrick Almagro dos Santos já está de pé. É a hora que precisa levantar para se arrumar e pegar o metrô na estação de Ceilândia Sul. Só assim conseguirá chegar a tempo na Escola Centro Fundamental Polivalente da 114 Sul, no Plano Piloto. Ele entra às 7h30. Bem, a rotina é dura, mas ele não reclama. Sabe que tudo seria mais difícil se tivesse que ir para o colégio de ônibus. O que acontece às vezes. “Daí tenho que levantar mais cedo, às 5h, pelo menos”, explica. “Mas nem sempre chego porque dependo de dois ônibus e o trânsito na maioria das vezes não facilita”, detalha. “Isso quando o ônibus, de tão cheio, não quebra no meio do caminho”, acrescenta.

## E MAIS...

Embalados pela minissérie *Anos rebeldes*, de Gilberto Braga, e tomados por um contagiante clima de insatisfação, milhares de estudantes ganharam as ruas do país, em 1992, com um único propósito: pedir o afastamento do presidente Fernando Collor, envolvido numa série de escândalos de corrupção. Ficaram nacionalmente conhecidos como caras-pintadas. No mundo, o cenário foi marcado pela eleição do democrata Bill Clinton e a prisão do lutador de boxe Mike Tyson, condenado a 10 anos de prisão por estupro.

Usuário do transporte, ele encara essa rotina como uma sina quase simbólica, já que nasceu no mesmo ano em que o governo deu início às construções do metrô de Brasília. Hoje, aos 16 anos, o estudante, morador do P. Sul, faz parte de uma realidade que comporta milhares de estudantes e trabalhadores que utilizam um dos mais seguros e práticos transportes urbanos. “Além da segurança, o metrô é bastante rápido”, observa.

Com 21 estações espalhadas pelo Distrito Federal e quase 50km de extensão, o metrô de Brasília transporta todos os dias cerca de 150 mil pessoas. Inaugurado oficialmente em abril de 1994, o prático transporte facilita a vida

de gente cansada do estresse dos coletivos sempre lotados e do trânsito caótico de Brasília. Trânsito esse que já ultrapassou a marca de 1 milhão de veículos.

Na Europa, em países como França e Inglaterra, por exemplo, o metrô é quase como parte da paisagem urbana e um eficiente meio de locomoção há décadas. O mesmo acontece nos Estados Unidos e em grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. “Andar de carro hoje em dia é complicado”, comenta Patrick, que faz uso do metrô também para ir ao curso de inglês e nos fins de semana, quando está de folga. “Além de ser mais barato, é vazio”, comenta.

A mãe de Patrick, Mônica Regina dos Santos, 34 anos, sabe muito bem do conforto que é poder usufruir do metrô. Além, claro, da segurança e tranquilidade que o transporte lhe dá, longe da esquizofrenia

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press



**O ESTUDANTE VÊ O LADO BOM DE PODER USAR O TRANSPORTE, MESMO TENDO DE FICAR EM PÉ: “O METRÔ CHEIO É SEMPRE UM MOTIVO PARA PUXAR CONVERSA”**

urbana. Só reclama um pouco do valor da passagem, R\$ 3, mas sabe que o dinheiro gasto tem retorno garantido. “O ônibus, dependendo do lugar, custa R\$ 2. Prefiro pagar mais caro e ter a garantia de comodidade e a certeza de que chegarei no horário certo”, ressalva.

Ela lembra que quando viu as primeiras obras do metrô em andamento, ainda no Plano Piloto, duvidou que o projeto, de fato, vingasse. Grávida de Patrick, ela via pela janela do ônibus as árvores sendo arrancadas e replantadas em outros locais, além de máquinas fazendo os enormes buracos no chão. “Nunca acreditei em promessa de político, duvidava que fosse sair. Para mim, era como aquela piada do (grupo humorístico) Os Melhores do Mundo: ‘Algo que ia do nada para lugar nenhum’”, lembra, entre gargalhadas. Mas vingou. E hoje, as-

sim como outras 150 mil pessoas, ela pega o transporte para chegar com rapidez ao trabalho ou em casa. “Se fosse para fazer o trajeto de ônibus levaria umas duas horas”, calcula. “De metrô é rapidinho”, compara Mônica.

Patrick comenta que o metrô está sempre lotado nos horários de pico, ou seja, por volta das 7h e ao meio dia, quando vai e retorna da escola. Ele explica que faz parte da rotina, que muita gente deixa de ir para o trabalho para pegar o transporte, e que a superlotação já facilitou criar novas amizades. “O metrô cheio é sempre um motivo para puxar conversa, já fiz vários amigos no trajeto para a escola”, confessa. “Espero que tenha mais investimentos na área, deveriam existir mais linhas de metrô”, torce.